



noção de identidade. O conceito de hibridação foi definido, então, como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (Canclini, 1989: XIX)<sup>1</sup>.

A proposta principal de Canclini era o deslocamento do estudo da identidade para a heterogeneidade e a hibridação interculturais. Mas a análise da operação das construções híbridas, como ele chamou a atenção, deveriam exigir do pesquisador cuidados com as generalizações. De acordo com ele,

*Falar de fusões não nos deve fazer descuidar do que resiste ou se cinde. A teoria da hibridação tem que levar em conta os movimentos que a rejeitam. Não provêm somente dos fundamentalismos que se opõem ao sincretismo religioso e à mestiçagem intercultural. Existem resistências a aceitar estas e outras formas de hibridação porque geram insegurança nas culturas e conspiram contra sua auto-estima etnocêntrica. Também é desafiador para o pensamento moderno de tipo analítico, acostumado a separar binariamente o civilizado do selvagem, o nacional do estrangeiro, o anglo do latino (Canclini, 1989: XXXIII).*

Em uma de suas obras mais recentes, “Diferentes, Desiguais e Desconectados”, Canclini (2004) deu um passo adiante no desenvolvimento de uma teoria que dê conta de explicar as novas diversidades dentro de uma perspectiva interdisciplinar. Para ele, de um mundo multicultural, caracterizado pela justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação, o que se assiste hoje é um intercultural globalizado. Os dois termos implicam modos de produção do social: “*multiculturalidade* supõe a aceitação do heterogêneo; *interculturalidade* implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos” (Canclini, 2004: 17).

Essa noção de interculturalidade apresenta-se como promissora para o estudo das trocas interculturais no ambiente da comunicação digital. Essas novas práticas de interações sociais mediadas por computador nos permitem não apenas flagrar a convivência entre os diferentes, mas identificar novos e potenciais focos de tensão, que nada mais são do que dilemas atuais da interculturalidade.

Este estudo tomou como objeto empírico as interações comunicativas e os conflitos lingüísticos no portal da enciclopédia Wikipédia Lusófona, espaço de colaboração on-line entre cidadãos dos oito países falantes da língua portuguesa. O site recebe contribuições de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, tendo entrado em operação em 2002 seguindo o modelo do projeto original Wikipedia criado em língua inglesa, em 2001. Em 20 de junho de 2007<sup>2</sup>, o site contava com 244.531 usuários registrados alimentando um banco de dados que totalizava 965.597 páginas, sendo que 266.575 dessas páginas correspondiam aos chamados artigos legítimos<sup>3</sup>.

Este *paper* revela como os cidadãos falantes da língua portuguesa estão colaborando na construção de uma enciclopédia livre e gratuita, onde qualquer pessoa não apenas pode fazer consultas aos verbetes, sem ônus, mas também escrever, adicionar, editar e deletar informações. Procurou-se identificar, nas metapáginas de discussão dos colaboradores, as interações entre sujeitos que, apesar de raízes históricas, culturais e lingüísticas comuns, vivem em localizações geográficas distantes e cujo uso do idioma apresenta variantes nos níveis fonético, morfológico, sintático e lexical<sup>4</sup>. Ao final, são analisadas as táticas utilizadas para amenizar os conflitos e garantir o

<sup>1</sup> As chamadas estruturas discretas são tratadas aqui como já tendo sido resultado de hibridações, por isso não podem ser consideradas como fontes puras.

<sup>2</sup> Último acesso da autora para o fechamento do texto final do presente artigo.

<sup>3</sup> Os artigos legítimos são aqueles com caráter essencialmente enciclopédico, ou seja, não incluem metapáginas dos fóruns de discussão da comunidade, páginas sobre a própria Wikipédia, rascunhos ou redirecionamentos para outras páginas.

<sup>4</sup> Para um panorama geral sobre o quadro multilingüístico da língua portuguesa, consultar Mateus (2002).

convívio da diversidade dentro dos limites da língua e, portanto, a sobrevivência do projeto dentro da filosofia colaborativa.

## 2. A pragmática sobre interações e conflitos comunicativos

Em um emblemático artigo intitulado “How is society possible?”, escrito em 1908, o sociólogo alemão Georg Simmel observou que a resposta para esta questão só pode ser obtida pelo exame dos processos, e não das causas, que condicionam a existência dos indivíduos em sociedade. Um dos processos fundamentais é que dentro de uma determinada sociedade opera uma condição *a priori* de interações que surgem entre os indivíduos. Os seres humanos, nessa concepção, não vivem em torno de qualquer centro autônomo mas, ao contrário, de interações com os outros.

A noção de interação como “ação recíproca”, desenvolvida por Simmel, foi estendida para envolver um outro conceito, o de conflito, por ele entendido como uma das interações mais vívidas existentes. No artigo “Conflict”, também de 1908, Simmel observou que o conflito é inerente a todo processo de socialização e, embora visto como negativo, contém elementos positivos porque funciona como força de integração de um grupo ou comunidade. Os aspectos positivos e negativos do conflito são integrados e podem ser separados conceitualmente, mas não empiricamente.

Simmel (1971) criticou a má-compreensão do conceito de “unidade” adotado, até então, pela sociologia. Segundo ele, nem mesmo o indivíduo consegue a unidade de sua personalidade pela harmonização exclusiva – de acordo com normas éticas, religiosas, objetivas, lógicas, dos conteúdos de sua personalidade. Contradição e conflito, por isso, não somente precedem a unidade como são operativos em todo o momento de sua existência.

Embora tratando da natureza da idéia democrática em seu sentido social genérico, Dewey (1954) vai abordar a interação como trânsito e associação, como intervenção dos indivíduos no mundo, uma das bases do pragmatismo. O compartilhamento da experiência, ao contrário de anular as singularidades, é estimulado e enriquecido pela associação com os outros. “Nós nascemos seres orgânicos associados com outros, mas nós não nascemos membros de uma comunidade” (Dewey, 1954: 154).

A contribuição de Dewey para o desenvolvimento da abordagem interacionista desenvolvida pela Escola de Chicago, que nos interessa resgatar neste estudo, refere-se à comunicação como pré-requisito para que as associações humanas possam se desenvolver na formação de sociedades ou comunidades. A comunicação, nesse sentido, pressupõe interação, negociação, participação, compartilhamento com conseqüências práticas. A atividade articulada ou associada a que Dewey se refere seria uma condição para a criação de uma comunidade, mas a associação em si é física e orgânica enquanto que a vida comunal é moral, ou seja, sustentada por valores conscientes, intelectuais e emocionais.

*Nenhum amontoado de ação coletiva agregada constitui por si mesmo uma comunidade. Para seres que observam e pensam, e cujas idéias são absorvidas pelos impulsos e tornam-se sentimentos e interesses, “nós” é tão inevitável quanto “eu”. Mas “nós” e “nosso” existe somente quando as conseqüências da ação combinada são percebidas e tornam-se um objeto de desejo e esforço, assim como o “eu” e “meu” aparecem em cena somente quando uma parcela distintiva em ação mútua é conscientemente afirmada ou reivindicada (Dewey, 1995: 151).*

O legado do pensamento do psicólogo social George Mead marcou o conceito de interação social fundamentado no pragmatismo. Como Dewey, Mead negou a individualidade fechada e um coletivo engessado. Os sujeitos em interação social, construindo e sendo construídos pela sociedade, é um dos pontos-chave do pensamento de Mead. É o que, para ele, diferencia os agrupamentos

humanos de todos os outros – a capacidade de consciência e autoconsciência, ou seja, de reflexividade.

A teoria da socialização de Mead parte da linguagem. O ato social só pode ser entendido enquanto ato de linguagem, devido à sua capacidade de organizar o conteúdo da experiência. Dessa forma, Mead abordou a linguagem em seu contexto mais amplo de colaboração de grupo, ocorrendo por meio de sinais e gestos. É nesse ponto que ele trata a questão da comunicação inconsciente (onde o processo da significação e reflexividade não estão envolvidos, como no caso da interação entre animais) e o da comunicação consciente, existente apenas entre os seres humanos.

O papel da linguagem e da comunicabilidade na gênese da abordagem pragmática foi desenvolvido, com melhor riqueza de detalhes, na segunda fase dos trabalhos de Wittgenstein, em sua obra “Investigações Filosóficas” (1958). A camisa de força em que a função representativa da linguagem foi tratada na primeira fase dos trabalhos de Wittgenstein, que levaram à publicação do *Tractatus logico-philosophicus*, de 1918, cedeu lugar à uma compreensão mais dinâmica e marcada pela mutabilidade da linguagem comum na segunda fase do autor.

Um dos aspectos mais marcantes da obra madura de Wittgenstein é justamente a abordagem antropológica. Enquanto o “*Tractatus*” lidava com a linguagem desvinculada das suas circunstâncias de uso, as “*Investigações*” dão ênfase aos enunciados lingüísticos cotidianos como “jogos de linguagem” que não podem ser descritos ou compreendidos sem a percepção das atividades e do modo de vida dos sujeitos que o jogam, em situações concretas de ação, de práticas comunicativas e práticas de linguagem em contexto.

*A expressão ‘jogo de linguagem’ deve salientar aqui que falar uma língua é parte de uma atividade ou de uma forma de vida. Tenha presente a variedade de jogos de linguagem nos seguintes exemplos, e em outros: Ordenar, e agir segundo as ordens- Descrever um objeto pela aparência ou pelas suas medidas- produzir um objeto de acordo com uma descrição (desenho)- Relatar um acontecimento- fazer suposições sobre o acontecimento- Levantar uma hipótese para examina-la- Apresentar os resultados de um experimento por meio de tabelas e diagramas- Inventar uma história; e ler- Representar teatro- Cantar cantiga de roda- Adivinhar enigmas- Resolver uma tarefa de cálculo aplicado- Traduzir de uma língua para outra- Pedir, agradecer, praguejar, cumprimentar, rezar. (Wittgenstein, 1994: § 23).*

A infinidade dos usos situacionais possíveis da linguagem e a sua natureza mutável – novos jogos surgem e outros envelhecem e são esquecidos – é o que faz com que Wittgenstein tenha se recusado a elaborar um conceito fixo, fechado, sobre os jogos de linguagem, preferindo entendê-los como processos. Ele argumentou, contudo, que para que haja uma compreensão por meio da linguagem é preciso não apenas uma concordância sobre as definições, mas também sobre os juízos ou, como poderia dizer Mead, um acordo entre consciências reflexivas em interação.

Um conceito-chave foi introduzido por Wittgenstein para o entendimento da compreensão entre sujeitos em interação comunicativa nos jogos de linguagem. É o conceito de regra, onde ele faz a analogia da linguagem com o jogo. Como as pessoas se comportam num jogo de xadrez ou de bola, guiando-se por regras determinadas, assim ocorre com as pessoas envolvidas nos jogos de linguagem. Elas seguem os signos como “placas de orientação” que elas reconhecem e agem continuamente de acordo, mas que também podem transgredi-las.

As palavras “acordo” e “regra”, portanto, são tratadas como intimamente relacionadas na obra de Wittgenstein. “Assim você está dizendo, portanto, que a concordância entre os homens decide o que é certo e o que é errado? – Certo e errado é o que os homens dizem; e os homens estão concordes na linguagem. Isto não é uma concordância de opiniões mas de formas de vida” (Wittgenstein, 1994: § 241). O caráter social da natureza da regra foi enfatizado por Wittgenstein para

afirmar que ninguém pode seguir uma regra sozinho, uma vez que a ação de seguir uma regra é uma prática social baseada em hábitos, usos, costumes e instituições (Wittgenstein, 1994: §199).

Essas formas elementares do “compreender”, dependente das relações que as pessoas estabelecem umas com as outras em um jogo de linguagem em funcionamento como condição de possibilidade, envolvem ainda a noção de intencionalidade na obra wittgensteiniana (1994: §§ 337, 491 e 632). O ato da comunicação, dessa forma, envolve a intenção como “entalhada” na situação, nos costumes e instituições, e o uso da linguagem assume função de ação intencional para influenciar o outro. Um último aspecto importante é que a intencionalidade também funciona como uma predição da ação do outro, a predição neste caso sendo a causa e a ação intencional o efeito.

Essas formas do compreender recíproco propostas pela “teoria” dos jogos de linguagem têm pontos de identificação bastante próximos com o pensamento de Mead sobre a natureza simbólica da vida social. Dessa perspectiva, a linguagem não simboliza uma ação pré-estabelecida e os significados, dessa forma, são construídos numa circularidade que envolve gesto significativo (comunicação consciente), resposta de ajuste (expectativas de comportamento segundo as normas) e resultante do ato social iniciado pelo gesto, relação que é permitida pelo controle da linguagem.

A interseção entre o pensamento de Wittgenstein e Mead se encontra justamente na atribuição do importante papel da linguagem dentro das interações comunicativas e no fato de que as trocas humanas devem necessariamente ser entendidas na dimensão prática da vida social e na dimensão relacional dos sujeitos em interação dentro das suas expectativas de validação das regras do grupo social.

*Para que alguém se comporte “como um membro da comunidade” as seguintes condições normais devem acontecer. Primeiro, é preciso ter conhecimento prático da maneira pela qual ele/ela deve se comportar, e dessa forma ser capaz de saber se está de acordo. Segundo, é implícito e sabido pelo agente que todos os outros membros da comunidade devem ter um conhecimento prático similar sobre a maneira que eles tem que se comportar. Terceiro, o agente sabe que os outros membros da comunidade acreditarão, como ele, que todos os outros membros a quem eles consideram como membros da comunidade terão conhecimento comparável. Em resumo, nós temos uma comunidade em que espera-se de cada membro saber como ele deve se comportar e acreditar que todos os outros tenham conhecimento igual ao seu”*

*(Mead, APUD Habermas, 2001: 124).*

### **3. Intencionalidade coletiva em ambientes digitais**

As trocas interculturais possibilitadas pelas novas tecnologias da comunicação nos oferecem dados para um novo olhar sobre como os conceitos de identidade e alteridade são revivificados nos ambientes de colaboração virtual, os tipos de relações e enfrentamentos em processo e como as dissonâncias estão sendo resolvidas. O debate em torno desse tema, contudo, requer uma reatualização de algumas questões tradicionais da filosofia da linguagem, particularmente a questão da intencionalidade.

Searle (2002b), em sua teoria da intencionalidade, já afirmara que o que distingue a ação humana e um simples comportamento é a intencionalidade. Ao abordar a intencionalidade coletiva Searle (2002a) pressupõe haver algum nível de senso de comunidade antes mesmo que ela possa funcionar, uma espécie de pré-intencionalidade em relação ao outro, em aceitá-lo como agente real e potencial de cooperação. Aqui, no entanto, é preciso mencionar uma diferença apontada por Searle: nem todo comportamento coletivo é fruto de intencionalidade coletiva, mas toda intencionalidade coletiva é dirigida para comportamentos coletivos e de cooperação.

*A noção de um “nós”, de intencionalidade coletiva, implica a noção de cooperação. Mas a mera presença de intenções “eu” para alcançar um objetivo que acontece de ser acreditado como sendo o mesmo objetivo dos outros membros do grupo não assegura a presença de uma intenção que*

*coopera para alcançar aquele objetivo. Alguém pode ter um objetivo no conhecimento que outros também têm o mesmo objetivo, e alguém pode ter crenças e até crenças mútuas sobre o objetivo que é compartilhado pelos membros de um grupo, sem que lá esteja necessariamente qualquer cooperação entre os membros ou qualquer intenção de cooperar entre os membros*  
(Searle, 2002<sup>a</sup>: 95).

A perspectiva de Searle, embora bastante interessante sob o ponto de vista do *a priori* cooperativo, não nos oferece pistas para a compreensão da intencionalidade coletiva em ambientes digitais. Isso porque Searle tem dificuldades de conciliar a existência da intencionalidade coletiva com o fato de que a sociedade consiste de nada mais que indivíduos. Dessa forma, ele admite que uma abordagem da estrutura da intenção “nós” tem que ser consistente com esse fato. “Uma vez que a sociedade consiste totalmente de indivíduos, não pode haver um espírito de grupo ou consciência de grupo. Toda consciência está em mentes individuais, em cérebros individuais” (Searle, 2002: 96a).

Uma outra perspectiva sobre a intencionalidade coletiva é a proposta por Margaret Gilbert (1990, 2000) em sua teoria dos sujeitos plurais. Ao contrário de Searle, na análise de Gilbert o “nós” se refere a um sujeito plural de um objetivo, como um pool de vontades dedicadas como uma unidade para aquele objetivo que não pode ser decomposta. Ela chama a atenção para o fato de que caminhar junto com o outro envolve participação em uma atividade de um tipo especial, uma atividade cujo objetivo é oposto ao objetivo pessoal (intencionalidade individual) compartilhado pelos participantes. Por isso, atividades como viajar juntos, comer juntos, dançar juntos, não significam necessariamente intencionalidade coletiva. Podem significar apenas “proximidade física” a menos que mini-contratos baseados na comunicação sejam acordados entre os membros do grupo.

*Não temos aqui uma “troca de promessas” tal que cada pessoa unilateralmente se compromete com o objetivo em questão [...] Em vez disso, cada pessoa expressa uma forma especial de compromisso condicional de forma que (como é entendido) somente quando todos fizerem o mesmo é que cada um está comprometido. Por isso todas as vontades são ligadas simultaneamente e interdependentemente* (Gilbert, 1990: 7)

O esforço pela realização do objetivo em particular, em condições de conhecimento comum dos sujeitos envolvidos, ganha uma dimensão política na abordagem de Gilbert. O caráter do compromisso conjunto implica que ninguém pode se libertar do compromisso sem que isso seja comunicado e acordado com os demais membros. Na estrutura da natureza do sujeito plural, por isso, a noção de responsabilidade, envolvendo direitos e deveres explícitos e implícitos, ganha relevância. Enquanto que os comprometimentos pessoais dependem unilateralmente da decisão de um único sujeito, que pode tomar decisões e mudar de idéia sem a concordância de outros, na intencionalidade compartilhada a quebra do compromisso ameaça a estabilidade e gera conseqüências práticas para o grupo. Em todo compromisso conjunto, portanto, cada membro tem o direito de observar e esperar a conformação das ações dos outros e cada um está sob a obrigação correspondente para com os outros.

A perspectiva de Gilbert concentra-se na comunicação mútua entre grupos informais de pequena escala, envolvendo dois ou três participantes em situações cotidianas comuns. Para uma análise da comunicação em projetos colaborativos na Internet, caracterizada pelo favorecimento das interações pela linguagem escrita envolvendo um grande grupo de pessoas mediadas pelas tecnologias que derrubam restrições geográficas, o modelo de Gilbert apresenta limitações e precisaria ser ampliado.

Uma alternativa para o aprofundamento do modelo de Gilbert e a sua aplicabilidade às comunidades virtuais é que a noção de responsabilidade que envolve o comprometimento conjunto na teoria do sujeito plural seja precedida pela expectativa de comportamento de acordo com as

normas estabelecidas e reconhecidas pelos sujeitos em interação, ou ainda, pela conformidade às regras propostas por Mead e Wittgenstein. Uma combinação entre ação intencional e ação governada por regras adaptativas na solução de conflitos que envolvem um grande número de pessoas desprovidas de proximidade física e valores culturais uniformes nos parece apropriada para dar conta da linguagem como meio de comunicação que conecta sujeitos em ambientes sociais cooperativos on-line.

Habermas (2001: 126) enfatizou que o entendimento alcançado em qualquer seqüência particular de interações é o resultado de um processo em que os sujeitos participantes estão comprometidos dentro de um contexto que eles não controlam completamente. “Os participantes coordenam as suas expectativas mútuas orientando-se pelos valores institucionalizados. Mas os papéis sociais são idealizações que servem como guias para as definições das situações compartilhadas. O processo de troca é dependente do contexto, é um processo interpretativo recíproco direcionado para o alcance do entendimento”.

Essa perspectiva do desenvolvimento e revisão permanente de valores e normas, por meio dos processos comunicativas e práticas sociais, encontra terreno para que avancemos para uma análise dos projetos de colaboração on-line como fenômenos emergentes e, portanto, indeterminados, operando no domínio do simbólico, movidos por regras sociais, resultantes das interações entre as partes no nível micro, mas não reduzidos à soma das partes.

A teoria da emergência normalmente apresenta confusão na literatura pelas suas similaridades com o conceito de auto-organização. A emergência que consideramos aqui enfatiza a presença de um comportamento novo no nível macro como resultado das interações entre as partes no nível micro (De Wolf & Holvoet, 2005). A auto-organização enfatiza o crescimento dinâmico e adaptativo na ordem ou estrutura sem controle externo. Os dois fenômenos podem existir isolados, mas em sistemas dinâmicos complexos a combinação de ambos está normalmente presente.

É o caso de emergência, nos parece, do comportamento da Wikipédia Lusófona. O que resta saber é se, como resultado dos conflitos interacionais, a intencionalidade coletiva e a ação compartilhada se mostrarão robustas o suficiente para gerar uma situação futura de comportamento de grupo auto-organizado que garanta a continuidade do projeto colaborativo.

#### **4. A Wikipédia Lusófona em foco**

A natureza reticular da Internet insere um elemento novo na história da comunicação humana porque coloca em lados opostos modalidades tradicionais de solidariedade e modalidades eletivas. A Comunicação Mediada por Computador (CMC) não implica a perda das modalidades tradicionais, mas a convivência com uma nova geração de modalidades de solidariedade. “Em vez de solidariedades enraizadas em comunidades de pertença, geram modalidades eletivas” (Rodrigues, 1994: 191).

Essas novas modalidades de solidariedade se inscrevem na perspectiva da ação consciente, proposta por Mead, da sociabilidade que não pode ser separada conceitualmente da noção de conflito proposta por Simmel, e sua relação com os dilemas atuais das trocas interculturais em ambientes digitais.

Partindo-se do pressuposto de que essas modalidades de interações eletivas não estão imunes a situações de confrontação e enfrentamento, buscou-se identificar como a comunidade lusófona<sup>5</sup> vem enfrentando o desafio da coabitação cultural. Embora historicamente se fale em

---

<sup>5</sup> Aqui entendida como o conjunto de oito países que integram a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), criada em 17 de julho de 1996, e distribuída por quatro continentes.

identificação cultural e lingüística entre os países do bloco, ressentimentos colonialistas existem, até hoje, entre os cidadãos de língua portuguesa espalhados pelo mundo.

Um exemplo é o conjunto de escritos sobre a imagem da lusofonia:

*Nunca formaremos um conjunto, no sentido de comunidade lingüístico-cultural (nem mesmo acrescentando o contributo dos novos países africanos de expressão portuguesa) capaz de constituir um pólo de influência histórico-política no mundo, como indubitavelmente será o caso dos países de expressão hispânica. Onde quer que andem a par os interesses culturais de Portugal e Brasil – na África particularmente –, não são apreendidos na perspectiva de um lobbying comum. De ambos os lados do Atlântico – mas sobretudo do lado brasileiro – comportamo-nos mais como rivais do que como aliados. Os brasileiros nunca nos perdoarão por não terem tido um pai para matar, ou um pai digno de ser morto, como aconteceu com os colonos da Virgínia para com a Inglaterra, com os índios do padre Hidalgo, ou com os soldados de San Martín e de Bolívar para com a Espanha. Será preciso penitenciar-mo-nos por termos sido tão fracos e por nos termos conseguido espalhar, exatamente devido a essa fraqueza, por um espaço cem vezes mais vasto do que aquele donde partiram as caravelas de Pedro Álvares Cabral? (Lourenço, 2001: 160-161).*

Uma outra dificuldade nas interações entre cidadãos de língua portuguesa é que, apesar do tronco lingüístico comum, ainda há um desconhecimento muito grande entre as identificações culturais e uma forte reação em relação ao outro. Num estudo sobre a (in) existência de laços entre investigadores da comunidade lusófona pela Internet, por exemplo, foi identificado que o principal problema, mesmo na academia, não é técnico, mas cultural.

*O desafio é fazer com que esse encontro se torne em práticas de convivência multicultural, enraizadas no respeito pela alteridade [...] O conhecimento é o melhor meio para refazer as memórias, de modo a curar as feridas e os ressentimentos e, também, os preconceitos que se foram mantendo ao longo dos anos entre os povos de língua portuguesa. Trata-se de não esbanjar o legado histórico e sociocultural como esbanjamos os bens materiais (Silva, 2005: 191).*

A presente análise das interações na Wikipédia Lusófona partiu do mapeamento dos sujeitos falantes da língua portuguesa que, efetivamente, têm presença e contribuição na construção da enciclopédia em língua portuguesa. É necessário observar aqui que a pesquisa não se estendeu-se para a análise de questões controversas sobre a confiabilidade da enciclopédia, sobre a qualidade dos artigos escritos e editados por um consenso de amadores, sobre vandalismos, vigilância editorial ética, brigas entre escritores e interesses subalternos. Os sujeitos que utilizam as páginas do site para simples consultas, de qualquer espécie, ficaram fora do escopo deste trabalho.

O foco foi capturar as relações que se constroem e se estremecem nos bastidores, entre os wikipedistas<sup>6</sup> registrados, e reconhecidos pela comunidade. Em 20 de junho de 2007, eram 722 falantes do português do Brasil, 117 de Portugal, 4 de Cabo Verde e 4 de Angola. No total, 76 wikipedistas eram administradores eleitos pela comunidade<sup>7</sup>, ou seja, com poderes especiais para monitorar operações de vandalismo e ameaças ao projeto colaborativo. Os demais países da CPLP não registravam participação na comunidade, sejam como colaboradores, sejam como administradores.

Um segundo momento da pesquisa foi identificar as principais zonas de tensão e conflitos para a sobrevivência do projeto. Observou-se que o embate mais antigo na metapágina “Versões da

<sup>6</sup> Wikipedistas são colaboradores que escrevem artigos, adicionam informações aos artigos, editam ou deletam informações. O termo é empregado tanto para usuários registrados como não registrados, embora apenas usuários registrados na categoria de colaboradores permanentes têm direito a candidatar-se a administradores. Os wikipedistas não registrados, contudo, não têm direito a votação nas metapáginas de discussão.

<sup>7</sup> Os administradores são wikipedistas que têm “direitos de operador de sistema (sysop)”. A política atual é atribuir esse acesso a qualquer utilizador que tenha sido um contribuidor da Wikipédia durante algum tempo e seja geralmente encarado como um membro da comunidade conhecido e digno de confiança.



Língua Portuguesa”, iniciado ainda em 2004 e que se estende até agora sem solução definitiva, é relacionado justamente à pluralidade de versões da língua portuguesa na Wikipédia Lusófona. Desde o começo da operação do projeto on-line, em 2002, por iniciativa de brasileiros, foi definido pelos wikipedistas que, apesar das variações relevantes da língua em cada território, nenhuma versão deveria ser privilegiada. Como o site explica em sua página principal<sup>8</sup>:

*A Wikipédia em português não usa uma versão específica da língua portuguesa, pois são bem-vindas as contribuições de todos os que escrevem em língua portuguesa, independentemente do seu país de origem. No entanto foram definidas algumas regras de etiqueta para facilitar não só a coexistência de diferentes versões da língua, mas também para aumentar a facilidade de compreensão dos artigos [...] O artigo não precisa estar todo numa mesma variante da língua portuguesa. Não se sinta intimidado em acrescentar um novo parágrafo usando a variante que você está acostumado quando a variante predominante do artigo for diferente.*

As regras de etiqueta também alertam aos colaboradores que, como acontece nas outras grandes línguas internacionais, não existem versões superiores ou inferiores: são apenas diferentes. Por isso, adverte que, para a sobrevivência do projeto colaborativo, não é bem-vindo mudar a língua portuguesa da norma “A” para a norma “B”, porque isso implica falta de respeito com o outro. O texto da norma de etiqueta reconhece, no entanto, que esse provavelmente seja um dos grandes desafios daqueles que se propõem a escrever e contribuir para a comunidade.

Os primeiros conflitos em torno de grafias e significados de palavras começaram em março de 2004. Alguns colaboradores reclamavam que palavras como “desenhador” e “peluche” são incomuns no Brasil. Outros se defendiam afirmando que o sentido dessas palavras é auto-evidente porque são muito parecidas com “desenhista” e “pelúcia”. Em outros momentos, passou-se a discutir entre os membros da comunidade se deveriam ser aceitas palavras no sentido pejorativo ou os chamados palavrões. Isso porque, como alguns membros da comunidade apontavam, a palavra “puto” é uma gíria para prostituto e considerada por alguns como palavrão no Brasil. Em Portugal, “puto”, no entanto, significa uma criança do sexo masculino. Outro caso tratava da palavra “bicha”, que em Portugal quer dizer fila, mas no Brasil é usada pejorativamente para dizer um homem é homossexual.

A relação de forças gerou as primeiras propostas dos portugueses para a separação da Wikipédia Lusófona em versões diferentes de acordo com cada variante lingüística. Em seguida, alguns brasileiros começaram a considerar essa possibilidade:

*Depois de uma série de discussões de assuntos que envolvem as diferenças lingüísticas e conflitos de poderes entre os administradores e pessoas da comunidade que decidiram contestar alguns métodos utilizados gostaria que discutíssemos a possibilidade de separação do projeto em Portugal/Brasil [...] Apesar de achar que vamos ter retrabalho, mas se essa mudança for necessária para que haja coesão na comunidade, meu voto é a favor da separação (Paulo Colacino, 10:58, 13 abr 2004, Brasil).*

O risco de fragmentação do projeto causou reação em muitos brasileiros da comunidade, à época, contribuindo para o acirramento dos ânimos.

*Que coisa é essa, Paulo? Isso seria uma catástrofe para o projeto. As diferenças não são tão grandes que não possam ser resolvidas. Pelo contrário, o espanhol e o inglês têm diferenças muito maiores do que o português e eles não fazem um estardalhaço como nós. Lá também, a Wikipedia funciona sem esses problemas. Pensava que só fossem os portugueses que defendessem essa separação. Mas isso me decepciona. O problema aqui é a briga pessoal de alguns elementos dentro da Wikipédia-pt, isto sim. Olhe que não vejo muitos portugueses a defender separação*

<sup>8</sup> <http://pt.wikipedia.org>

*alguma, talvez alguns pseudo-intelectuais preconceituosos, que se acham melhores do que os outros, mas isso também têm no Brasil [...] (PedroPVZ, 14;03, 3 junho 2004, Brasil).*

Nem mesmo a busca de solução do conflito através da criação de um Wikcionário pelos membros da comunidade, contendo versões da língua portuguesa, tabelas de termos e palavras utilizadas no português de Portugal, Brasil e países africanos, amenizou a queda de braço que passou de simples discussões iniciais sobre as diferenças linguísticas para discursos inflamados (contra e a favor) sobre a superioridade da versão de Portugal.

Num texto de 19 de setembro de 2006, podemos ver um exemplo do confronto em torno da defesa dos portugueses para converter a Wikipédia Lusófona para o português “original”:

*Ninguém no mundo tem culpa que o Brasil tenha alterado e até mudado as palavras em Português para Português-BR. [...] Se queriam ser diferentes, em vez de alterarem um idioma, pura e simplesmente criavam um novo e davam-lhe outro nome. [...] Neste momento, e até a nível da CE, o Português é uma dos idiomas oficiais. Não foi o Português-BR que foi adoptado para idioma.. [...] O que se passa é que no Brasil, alteraram em muito a maneira de falar e escrever. O que não acontece, por exemplo, em relação ao Inglês. Não à disparidade na questão gramatical. Além do mais, se visualizarem o Wikipédia nos outros idiomas, não se verifica esta pouca vergonha. Todos respeitam os idiomas que existem de momento. (A. Silva --42croad 19:41, 19 Setembro 2006, Portugal).*

Os confrontos não acontecem apenas entre portugueses e brasileiros, mas também entre os próprios portugueses. Um dos principais pontos argumentados é de que a Wikipédia Lusófona é um projeto baseado na Wikipedia de língua inglesa, por iniciativa dos brasileiros, e que se há mais artigos na versão do português falado no Brasil é porque há uma proporção de 6,1% de wikipedistas brasileiros registrados para cada 1 wikipedista de Portugal. As críticas à intolerância das diversidades linguísticas e o respeito às diferenças são enfatizadas pelo administrador Manuel de Souza, de Portugal:

*Caro A. Silva,*

*O seu comentário acima contém um conjunto de imprecisões que gostaria de comentar: 1. Não foi o Brasil que mudou a língua. A língua portuguesa -- tal como qualquer outra -- evolui constantemente mas, em certos aspectos, o português falado no Brasil está mais próximo do português clássico do que o que é falado em Portugal. Por exemplo, a fenómeno do fechamento das vogais átonas que se estendeu a todo o Portugal a partir do século XVIII, importado do francês, não chegou a atingir o português brasileiro. No Brasil as vogais mantiveram-se abertas (como eram no português antigo e como ainda são no galego actual), enquanto que em Portugal passaram a ser fechadas, dificultando a sua compreensão por quem não está acostumado a esta forma de falar.*

*2. Diz você que é o português de Portugal (e não o do Brasil) que é língua oficial da União Européia (melhor: uma das 20 línguas oficiais). É certo. Sendo oficiais na UE as línguas faladas pela população de seus estados-membros e sendo Portugal um estado-membro, só poderia ser mesmo a variante falada no nosso país a adoptada na UE. Agora pergunto: Qual é o português que é oficial no Mercosul? Será o de Portugal? É óbvio que é o do Brasil. E ainda: Qual será o português que é língua de trabalho na União Africana? Obviamente que é o utilizado pelos cinco membros lusófonos. Se um dia, por hipótese, os cinco estados africanos lusófonos decidissem criar uma língua própria seria esta a usada pela União Africana e não o português de Portugal. Percebe onde eu quero chegar?*

*3. Isto leva-nos à questão fundamental: De quem é a língua? Será dos galegos que primeiramente a "inventaram"? Será dos portugueses que lhe deram o nome e a espalharam pelo mundo? Será dos brasileiros que constituem mais de 4/5 dos falantes da língua? Será dos angolanos, dos cabo-verdianos, dos guineenses, dos moçambicanos, dos são-tomenses e dos timorenses que, sendo países independentes, escolheram esta língua como oficial? A resposta só pode ser uma: A língua é de todos os que a falam. Não é propriedade de nenhum país, nem de nenhum povo exclusivamente. Pelo facto de se chamar "portuguesa" não é mais dos portugueses do que dos*

*outros povos. Por isso, uma das regras básicas de convivência na Wikipédia, e que você terá de aprender, é que há que respeitar os outros e a sua diversidade e não impor a nossa maneira de ver o mundo como a única possível, a única correcta. Um abraço, Manuel de Sousa 11:24, 20 Setembro 2006.*

Uma trégua nos conflitos se instalou no final do ano passado, como consequência da decisão considerada radical do wikipedista português Tugazo que propôs formalmente à Wikimedia Foundation (organização de caridade não-lucrativa que opera a Wikipedia e outros nove projetos colaborativos on-line) um *pool* para a votação da criação de uma Wikipédia portuguesa europeia para assegurar a qualidade e a uniformidade dos textos em português. A chamada para o *pool*, bastante criticada pelos wikipedistas, resultou numa votação de 36 votos contra e 3 a favor, resultando no arquivamento da proposta.

A continuidade do projeto lusófono original, apesar da diversidade e de alguns radicalismos, foi mantida dentro dos princípios da cooperação e respeito às diferenças e alteridades. A expectativa da maioria dos wikipedistas lusófonos, demonstrada pelas postagens mais recentes de apaziguamento dos ânimos, é a aposta que a questão *De quem é a língua?* será superada pela entrada em vigência do acordo ortográfico que padroniza a escrita da língua portuguesa nos países lusófonos. O acordo ganhou status de tratado internacional em 16 de dezembro de 1990, mas questões burocráticas têm adiado a unificação.

## 5. Conclusões preliminares

A observação e análise das interações comunicacionais e os conflitos lingüísticos na Wikipédia Lusófona é um projeto em curso e, pela dinâmica dos movimentos dos sujeitos em ação buscando, por um lado, a manutenção do projeto colaborativo original e, de outro, a sua fragmentação, nos impede de apresentar idéias conclusivas sobre os resultados dessa nova modalidade de experiência no curto prazo.

Um olhar pragmático sobre essas novas modalidades de sociabilidade que emergem das trocas interculturais na esfera da Internet, pautado pela observação cautelosa do que se constrói, destrói e se reconstrói, das novas tensões existenciais, mostrou-se adequado para a análise desses novos contornos contemporâneos da relação dialética entre identidade e alteridade. Com esse olhar, é possível observarmos se esses novos encontros e desencontros podem resultar no fortalecimento de identidades locais, na produção de novas identidades, ambas, ou mesmo num outro quadro de sentidos.

No caso da Wikipédia Lusófona, podemos afirmar que os princípios da emergência e auto-organização estão ganhando uma experiência viva nas metapáginas alimentadas pelos participantes. O que emerge da intencionalidade coletiva é a ação compartilhada em torno do objetivo de manter o projeto original. As táticas de auto-organização observadas na comunidade, em vez da adoção de regras formais e discriminatórias como o bloqueio ou expurgos dos radicalismos de um e outro lado, têm se pautado por jogos de linguagem baseados em elogios e críticas, muitas vezes levando ao envergonhamento público dos dissidentes. A votação direta, aberta e participativa garante que a maioria decida os rumos futuros do projeto.

A experiência da auto-organização e auto-controle, num ambiente de colaboração onde nenhuma pessoa ou grupo tem a decisão final, é o que tem feito a Wikipédia Lusófona, dentro da filosofia do projeto totalmente a aberto a qualquer um, ser um caso até agora bem-sucedido de troca intercultural em ambiente digital. A responsabilidade difusa do projeto tem mostrado que a intolerância à diversidade da língua está na contramão do espírito da nossa época e que a maior riqueza da Wikipédia Lusófona está na intencionalidade, na consciência de grupo, nas interações, nas trocas de experiências e no cultivo das semelhanças.

Como disse Hall (2005: 41), ao tratar da identidade cultural na pós-modernidade:

*Tudo o que dizemos tem um “antes” e um “depois” – uma “margem” na qual outras pessoas podem escrever. O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós.*

A importância do entendimento desses processos de fricção nas interações comunicativas mediadas pela CMC pode nos levar a identificar melhor a razão do surgimento dos movimentos de cooperação entre os povos, sejam eles lusófonos ou não, ou identificar sementes de antagonismos radicais. O que virá? Cabe a nós pesquisadores estarmos atentos a observar, perceber e analisar esses novos desdobramentos que a convivência intercultural pode nos oferecer. O processo é dinâmico e mutável, portanto temos um longo caminho pela frente nos estudos desses novos micro-ambientes capazes de fazer emergir novas formas de sociabilidade humana entre os povos.

### Referências bibliográficas

- Canclini, N. (2006). *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*, São Paulo: Edusp.
- Canclini, N. (2005). *Diferentes, desiguais e desconectados: Mapas de interculturalidade*, Rio de Janeiro: UFRJ.
- De Wolf, T. & Holvoet, T. (2005). 'Emergence versus self-organisation: Different concepts but promising when combined' in S. Brueckner et al. (eds.) (2005): *ESOA 2004, LNCS 3464*, Springer-Verlag Berlin Heidelberg, pp. 1-15.
- Dewey, J. (1954). *The public and its problems*, Chicago, IL: The Swallow Press.
- Gilbert, M. (1990). 'Walking together: a paradigmatic social phenomenon' in French, P., Uehling, T. & Jr. Wittstein, H. (eds) (1990) *Midwest Studies in Philosophy Volume XI – The Philosophy of the Human Sciences*, Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, pp. 1-14.
- Gilbert, M. (2000). *Sociality and responsibility: New essays in plural subject theory*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield.
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro: DP & A.
- Habermas, J. (2001). *On the pragmatics of social interaction: Preliminary studies in the theory of communicative action*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Lourenço, E. (2001). *A nau de Ícaro e Imagem e miragem da lusofonia*, São Paulo: Companhia das Letras.
- Mateus, M. 'Se a língua é um fator de identificação cultural, como compreender que uma língua viva em diferentes culturas?' in Henriques, C., Pereira, M., (Orgs.). *Língua e Transdisciplinaridade: Rumos, conexões, sentidos*, São Paulo: Contexto, 2002, pp. 263-282.
- Mead, G. (1934). *Mind, self, and society*, Chicago: The University of Chicago Press.
- Rodrigues, A. (1994). *Comunicação e cultura: A experiência cultural na era da informação*, Lisboa: Presença.
- Searle, J. (2002a). *Consciousness and language*, Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Searle, J. (2002b). *Intencionalidade*, São Paulo: Martins Fontes.
- Silva, L. (2005). 'Qual o papel da Internet na promoção da (in) existência de laços entre os investigadores da comunidade lusófona?' in Peruzzo, C., Pinho, J (Eds.) (2005) *Anuário internacional de comunicação lusófona 2005*, São Paulo: INTERCOM; [Lisboa]: Federação Lusófona de Ciências da Comunicação.

Simmel, G. 'How is society possible?' in Levine, D. (Ed.) (1971) *George Simmel: On individuality and social forms – selected writings*, Chicago: The University of Chicago Press, pp. 6-22.

Simmel, G. 'Conflict' in Levine, D. (Ed.) (1971) *George Simmel: On individuality and social forms – selected writings*, Chicago: The University of Chicago Press, pp. 70-95.

Wittgenstein, L. (1994). *Investigações filosóficas*, Petrópolis, RJ: Vozes.